
JAZZ

3 MAIO '08

SEI MIGUEL

CICLO ISTO É JAZZ?

Comissário Pedro Costa

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



SÁBADO 3 MAIO 2008 · PEQUENO AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H30 · M/12

Trompete Sei Miguel
Trombone Fala Mariam
Percussão César Burago
Baixo Pedro Lourenço
Saxofone Alípio C. Neto (convidado)
Electrónica Rafael Toral (convidado)
Viola Ernesto Rodrigues (convidado)

The Portuguese Man of War

Sei Miguel é simultaneamente um paradoxo e um enigma, justificando que se lhe aplique o título por si dado a um dos seus discos iniciais, *The Portuguese Man of War*. Quase três décadas depois de ter surgido em cena com os Moeda Noise, a verdade é que continua a ser um factor de discórdia e polémica. O paradoxo é por si cultivado a nível conceptual, afirmando, por exemplo, que não improvisa e que não acredita na improvisação, mas também que o jazz não é nem pode ser escrito, e decorre igualmente da maneira como tem sido ouvido. Se os detractores não o compreendem, muitas vezes até os seus fãs não entendem plenamente as suas propostas e tomam o que estas são pelo que não são. Pode este português nascido em Paris e com a juventude passada em São Paulo fazer questão de se apresentar como um *jazzman* no sentido tradicional do termo, mas o certo é que a *inteligentsia* nacional do jazz não aceita a sua música como tal. Desde a década de 1980 que a maior parte das referências feitas pela imprensa aos seus concertos

e edições discográficas é marcada por evidentes equívocos, e isto até em textos que lhe são elogiosos.

Designado com frequência como um músico “experimental” e “vanguardista”, Sei Miguel diz ser, isso sim, “um trompetista herdeiro do *bop* via *cool*” e alguém que, inclusive, não reconhece “a existência de um período *free* no jazz, somente o apogeu de uma estranha forma barroca em meados do século passado”. O curioso é que, não obstante este posicionamento, a crítica já lhe detectou reminiscências de Don Cherry no fraseio e Bill Dixon na sonoridade. O que ele não procura desmentir, apesar de serem proeminentes nomes do *free jazz*. Por outro lado, o jazz que pratica lida com noções de espaço e de tempo que vai buscar aos eruditos da música contemporânea, em especial John Cage e Alvin Lucier, mas surpreendentemente alista para os seus *ensembles* instrumentistas que, na maior parte, vêm de outras áreas que não o jazz e a clássica, como o rock, a electrónica e a dita “música não-idiomática”. Foi

assim com Rui “Fingers”, guitarrista com actividade na área do *heavy metal*, com Monsieur Trinité, percussionista da “nova música improvisada” que passou pelos Plexus de Carlos “Zíngaro”, ou com Adriana Sá, cujo percurso tem sido desenvolvido nos domínios da arte digital intermedia. Mais um factor de confusão poderá ser a homenagem que esta sua apresentação na Culturgest em quarteto, mais convidados (Alípio C. Neto, Ernesto Rodrigues e Rafael Toral), pretende fazer ao musicólogo e poeta Mário de Andrade, conhecido pelos seus estudos da música popular de raiz do Brasil, com incidência na de feitiçaria e do candomblé. De que maneira tal mote se conjugará com os dualismos minimalistas de timbre e silêncio, ataque e dinâmica de Sei Miguel é o que verificaremos, com a certeza, porém, de que, mais uma vez, nada será óbvio ou pacífico. A sua afirmação de que as primeiras impressões de discursividade musical que teve eram “brasileiras”, levam a crer, no entanto, que as referências analisadas pelo ensaísta tem-nas o músico há muito interiorizadas.

O enigma, esse, está nos processos que utiliza, nunca os resultados nos esclarecendo quanto à forma como são obtidos. Não sendo um improvisador, Sei Miguel sustenta que também não é um compositor. Prefere as designações de arranjador ou orquestrador (mesmo em se tratando de pequenas formações), mas mais do que esses âmbitos parece estar em questão algo de muito semelhante ao que faz a direcção de actores

no teatro. À bagagem que cada um dos seus músicos traz consigo chama ele de “micro-tradição” e é essa matéria-prima que se propõe moldar e combinar, sendo mesmo “o único valor temático” que admite. Os níveis de sucesso são maiores ou menores consoante os casos pessoais, e a verdade é que apenas alguns colaboradores (ou “estagiários”, como prefere designá-los) se mantiveram fiéis aos seus princípios no decorrer dos anos, como Fala Mariam, César Burago, Pedro Lourenço, Rafael Toral e Manuel Mota. Outros se foram sucedendo nos seus grupos, não resistindo ao *modus operandi* de extremo rigor que o trompetista lhes exige e que acaba por ter reflexos na forma como entendem as suas próprias “vozes” e perspectivas estéticas. É, de resto, patente a influência “seiana” nas mais recentes incursões de Toral e Mota. Nos projectos de Sei Miguel, está inerente um tipo de relacionamento que transcende os limites da criação musical em conjunto – “as minhas concepções perdem-se em cada indivíduo”, declarou já sobre as osmoses que têm lugar com os seus *sidemen*, e designadamente sobre o que deles tira e o que lhes dá em volta. “Tenho um contrato com os meus músicos sempre em aberto. É um contrato profissional mas também um contrato humano, e insisto nisso”, explicou em entrevista.

Para perceber como funcionam o sistema que Sei Miguel aplica e os seus condicionalismos, é preciso tocar com ele ou ter o testemunho dos envolvidos, mas o interessante é que nenhuma das

pessoas que trabalharam ou trabalham com esta singular figura da nossa música fala publicamente do assunto. E muito menos o seu responsável, que sobre tal adianta apenas a existência de três momentos de laboração com um executante: um primeiro em que o “estagiário” lhe “ensina sobre ele o que quer” e o “mestre” (assim gosta de ser tratado) julga “do que pode”, e que designa por “estudo de arquétipos”, um segundo de “treino exaustivo e meticuloso” do instrumento, em que solicita o “inevitável, porque cem por cento necessário, virtuosismo”, e finalmente um terceiro que visa a definição de um “*score* pessoal e intransmissível”, o qual será depois associado aos *scores* “pessoais e intransmissíveis” dos demais participantes, pressupondo a integração por igual de vários solos e não uma hierarquização de papéis. Tal e qual, ainda que por outras vias, como vem fazendo Ornette Coleman com a sua cartilha harmolódica.

Ora, sendo um paradoxo e um enigma, Sei Miguel tanto beneficia musicalmente como é vítima, em termos de receptividade, das encenações a que procede de uma obscura asserção que poderia ter partido da mente de Sun Ra, a de que o jazz é “um dos raros pilares da realidade cósmica” – e escreve-se aqui “encenações” porque é disso que, em última análise, se trata, jazz enquanto teatro, teatro-jazz. Pode um músico com o relevo internacional de Rafael Toral o enaltecendo como um génio, mas o crítico Dan Warburton (Wire, Signal to Noise, Paris Transatlantic) considera-

também “o mais bem guardado segredo” de Portugal. O preço de não encaixar em nenhum dos moldes em vigor, sejam os do *mainstream* do jazz como os do *leftfield*, tem sido a sua marginalização. Esta dói-lhe na pele, sem dúvida, embora repita que os seus piores inimigos são “o comércio e a cultura” e nada faça para a sua autopromoção. Ninguém melhor do que Sei Miguel, afinal, para não se dar uma resposta definitiva à pergunta “Isto é Jazz?”, colocada pelo ciclo temático em que agora surge enquadrado. Há ocasiões em que as respostas, tenham que direcção tiverem, só servem para fechar uma questão. Esta colocada pelo *enfant terrible* da música portuguesa é bom que se mantenha irresolvida, pois é no seu mistério interior que está a origem da estranha vitalidade e da imensa riqueza que emanam da sua música. Nem sim, nem não, nem talvez – “nada é assim tão simples”, costuma ele alertar. Que continue a incerteza, principal condição para a criatividade...

RUI EDUARDO PAES

crítico de música, ensaísta, editor da revista *jazz.pt*



Sei Miguel



Sei Miguel nasceu em Paris, França, no ano de 1961. Passou a infância no Brasil e depois voltou para França. Radicou-se em Portugal no início dos anos 80.

Em 1984 formou os Moeda Noise, o primeiro projecto liderado por Sei Miguel, com Fala Mariam e Bruno Parrilha. Com o fim do grupo, em 1986, começaram as formações de geometria variável sob o nome de Sei Miguel.

Em 1988, com o Septeto Sei Miguel edita, através da Ama Romanta, o álbum *Breaker* (gravado no Teatro do Século, Ritz e Hot Clube) e enche o Ritz Club. Sei Miguel é capa do jornal *Blitz*.

Sei Miguel forma os Santos da Casa FM.

É nomeado para os Setes de Ouro. O álbum *Songs Against Love and Terrorism*, com a participação dos Santos da Casa FM, é lançado em 1989 através da Ama Romanta. O disco inclui gravações ao vivo no RRV, Ritz, Monumental e Sociedade Nacional de Belas Artes.

Em Janeiro de 1990 é editado, ainda através da Ama Romanta, o seu terceiro álbum. *The Blue Record* foi gravado no Hot Club nos dias 20, 21 e 22 de Abril de 1989.

Em 1993 é editado o álbum *The Portuguese Man of War*. Um disco que esteve para ser lançado no formato K7

mas que depois foi lançado, em edição de autor, no formato CD. Neste ano apresenta-se ao vivo no Palco Oriental. Em 1994 actua na Bienal Off.

Em 1995, Sei Miguel participa como solista, a convite do compositor brasileiro Lívio Tragtenberg, no ballet-teatro *Othello: Das ist die Nacht*, produzido pela Theaterhaus Stuttgart.

O álbum *Showtime* é editado em 1996. Aparece como solista no CD *Das Ist Die Nacht de Trastenberg*.

Em 1997 apresenta ao vivo *Welcome na Sala do Risco* (decateto). Em 1998, actua em São Paulo, onde apresenta a *suite S.P. Blues and Peaceful Warning* – uma “suite de jazz moderno para músicos e monitores.”

Astérion – Ritual para Sopros e Tambor Udu é apresentado em 1999 no espaço FNAC. Neste ano é editado o disco *Token*, uma edição da AnAnAna, que seria considerado um dos melhores discos portugueses desse ano para o jornal *Público*.

Um ano de *workshop* culmina em três noites no Teatro do Bairro Alto /Cornucópia. O septeto contou com a participação da trombonista Fala Mariam, dos guitarristas Manuel Mota e Tiago Brandão, dos percussionistas Monsieur Trinité e César Burago e de



Margarida Garcia que toca o *twin*, instrumento de duas cordas concebido por Sei Miguel. A execução desta única peça, *Favourite Places in Time*, seria gravada, em 3 de Julho de 2000.

Ainda em 2000, Sei Miguel apresenta ao vivo, no Tivoli, o primeiro estado (sexteto) de *First Open Blue Blood*. Em Outubro participa no Festival Lx Meskla.

Participa na banda sonora da peça *Terminal Bar*, que esteve em cena no Teatro da Graça.

No encerramento do Festival Multimédia do Seixal, em 2001, apresenta o *Relógio de Ra* em homenagem a Herman Poole “Sonny” Blount.

Em 2001, a convite de João Peste, apresenta, no ISCTE, o 2.º estado de *First Open Blue Blood* (quinteto).

A editora Headlights acolhe o regresso pleno do trompetista ao *underground* lisboeta. É editado o CD *Still Alive in Bairro Alto*, restituição fiel de um concerto para septeto.

O terceiro (e último) estado de *First Open Blue Blood* é apresentado, em 2002, na galeria Diferença. Actua também na mostra internacional Sonic Scope 02 realizada na Galeria ZDB.

No início de 2003 é editado o disco *Ra Clock*. O disco reúne gravações ao

vivo, com predominância para *Ra Clock* e *Astérion*, efectuadas entre 1999 e 2002.

O Quarteto Sei Miguel com Rafael Toral participam no Festival Offshore, no Funchal, em 24 de Setembro de 2004. Neste projecto participam Sei Miguel (trompete), Fala Mariam (trombone alto). Rafael Toral (amplificador de bolso modificado), Manuel Mota (guitarra eléctrica) e César Burago (percussão e ondas de rádio).

Participa no disco *Exploratory Music From Portugal 2005*.

No dia 22 de Outubro apresenta, pela terceira vez, a sua peça *Quinteto Urbano para Cosme e Damião* na rendição para a qual foi originalmente arquitectada após dois concertos, um em trio e outro em quarteto.

O CD *The Tones Gardens*, com três peças (os *Gardens 1, 2 e 3*), é editado em 2006 pela Creative Sources Recordings. No disco colaboram Fala Mariam, Rafael Toral e César Burago.

Grupo de Música Contemporânea de Lisboa

Concerto comentado por João Paulo Santos

Grande Auditório · 11h00 · Dur. 1h00 · M/6

Programa:

Constança Capdeville
Momento I

Jorge Peixinho
Leves véus velam

Clotilde Rosa
O caminho de Orfeu

Os três compositores presentes neste concerto estão ligados à fundação e actividade do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. No entanto, as obras apresentam características muito diversas bem típicas de cada uma das personalidades dos seus autores.

Momento I é revelador da preocupação constante de Constança Capdeville de

aliar o teatro à música, ou melhor, de revelar a teatralidade que se encontra latente em toda a obra musical, em toda a actuação de um músico. Nesta obra são explorados aspectos relacionados com a manipulação da noção de tempo, operada pelos instrumentistas, mas também e sobretudo pelo maestro.

Por seu lado, Jorge Peixinho em *Leves véus velam* realizou um trabalho de decomposição de texto que já se encontra, aliás, no poema de Fernando Pessoa em que a peça se baseia. Aqui a palavra é fragmentada e utilizada para criar sonoridades, ambientes que acabam por ilustrar sonoramente o ambiente nocturno do texto.

Por fim, *O caminho de Orfeu* é das três obras deste concerto a mais “pura”. É, na realidade, um pequeno concerto para harpa. A mítica figura de Orfeu, do seu canto, é evocada harmoniosamente pelo som do instrumento solista.

JOÃO PAULO SANTOS

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

António Maldonado Gonelha

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

ADMINISTRADORA

Margarida Ferraz

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

João Cardoso ESTAGIÁRIO

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

EXPOSIÇÕES

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente Almeida

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Marta Fernandes ESTAGIÁRIA

Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCIEROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

COLECÇÃO DE ARTE DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

María Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragão ESTAGIÁRIA

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt